

## APLICANDO E AVALIANDO UMA UNIDADE DE APRENDIZAGEM SOBRE O CONSUMO CONSCIENTE EM UMA TURMA DE ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO

### APPLYING AND EVALUATING A LEARNING UNIT ON CONSCIOUS CONSUMPTION IN A POLYTECHNIC HIGH SCHOOL CLASS

Data de entrega dos originais à redação em: 25/10/2015  
e recebido para diagramação em: 14/11/2015.

Ana Paula Rebello <sup>1</sup>  
Regis Alexandre Lahm <sup>2</sup>  
João Bernardes da Rocha Filho <sup>3</sup>

*Este artigo apresenta uma Unidade de Aprendizagem focada num tema específico da Educação Financeira – o consumo consciente –, realizada com uma turma de Ensino Médio Politécnico em uma escola pública estadual da cidade de Porto Alegre. Foram envolvidos 15 estudantes, em um trimestre letivo, no denominado espaço Seminário Integrado, que não se caracteriza como disciplina, mas se destina a constituir uma integração dos conhecimentos abordados nas diferentes disciplinas curriculares. Esta integração pode ser realizada de variadas formas, sendo que neste trabalho foram utilizados audiovisuais relacionados ao tema e vivências de grupo no comércio local, circunvizinho à escola, de modo a motivar e trazer subsídios para os estudantes visando ao aprofundamento da reflexão. Em seguida, foi proposta uma atividade coletiva empreendedora dirigida para o consumo consciente, incluindo a estruturação de planilhas de custos, a avaliação da perspectiva de lucro e uma reflexão sobre a relação custo/benefício que o produto ou serviço traria para o consumidor, assim como o impacto ambiental do processo produtivo e do descarte dos resíduos após o consumo. As atividades foram registradas pelos pesquisadores no contexto de uma pesquisa qualitativa, e os dados foram sendo colhidos e analisados nos moldes de uma perspectiva etnográfica. Como resultados foi percebido aumento na conscientização sobre a influência do marketing no consumo, a consideração do impacto ambiental e econômico do consumo e a criticidade quanto à diferenciação entre o que é supérfluo e o que é essencial. Ao final da Unidade de Aprendizagem foi realizado compartilhamento dos resultados com a comunidade escolar.*

*Palavras-chave: Unidade de Aprendizagem. Educação Financeira. Consumo Consciente. Ensino Médio Politécnico. Empreendedorismo.*

*This article presents a Learning Unit focused on a specific topic of financial education - consumer awareness - held with a group of Polytechnic High School in public schools of Porto Alegre. There were 15 students involved, during one academic quarter, the so-called Integrated Seminar space, which is not characterized as a subject, but is intended to be an integration of knowledge covered by different curriculum subjects. This integration can be accomplished in various ways, and in this work we used videos related to the theme and group experiences in local businesses surrounding the school in order to motivate and provide support for students to achieve a deep reflection. It was then proposed an entre-preneurial collective activity towards conscious consumption, including the structuring of cost sheets, the evaluating of the economic earnings and a reflection on the cost/benefit that the product or service would bring to the consumer, as well as the environmental im-pact of the production process and waste disposal after consumption. The activities were registered by researchers in the context of a qualitative research, and data were being collected and analyzed from an ethnographic perspective. The results showed an increase in the awareness of the influence of marketing on consumption, considering environmental and economic impacts of consumption and criticism about a product being superfluous or essential. At the end of the Learning Unit, results were shared with the school community.*

*Keywords: Learning Unit. Financial Education. Conscious consumption. Polytechnic High School. Entrepreneurship.*

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo da segunda metade do século XX, especificamente desde a geração dos avós dos atuais alunos do Ensino Médio, o País enfrentou crises econômicas frequentes e inflações mensais de quase

três dígitos no final dos anos 1980. Porém, por volta do início do século XXI, como resultado das reformas econômicas dos governos que sucederam a Constituição de 1988, de um panorama mundial favorável e de um conjunto de políticas públicas relativamente bem

1 - Doutoranda em Educação em Ciências e Matemática. < prof.anapaula@ibest.com.br >.

2 - Doutor em Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental. < lahm@puccs.br >.

3 - Pós Doutor em Enseñanza de las Ciencias. < jbrfilho@puccs.br >.

sucedidas, a economia brasileira viveu anos de certa estabilidade, assim como um crescimento baixo, porém constante. A distribuição de renda também melhorou, fazendo crescer a parcela de classe média da sociedade, e os estudantes do Ensino Médio de hoje nasceram e se desenvolveram nesse período relativamente favorável.

Nesse contexto, é compreensível que a maior parte dos estudantes de nível médio da atualidade esteja acostumada com a estabilidade monetária, só recentemente abalada por uma crise econômica internacional, os gastos sociais excessivos, mas provavelmente necessários dos últimos governos, e os escândalos de corrupção na administração pública em suas relações com empresas privadas e de capital misto. Por isso a Educação Financeira é tão importante neste momento histórico, pois os jovens estudantes precisam conhecer os fundamentos da economia para compreenderem o momento atual, assim como para evitarem o surgimento de novas crises, ou atenuarem seus efeitos, no futuro próximo.

É preciso, portanto, ensinar aos estudantes atuais o risco sempre presente de que uma crise monetária se instale, assim como os mecanismos de política econômica que podem ser usados para evitar, por exemplo, que retorne a hiperinflação registrada em 1994, que atingiu 499,2% ao ano (IBGE), e 46,58% (FIPE) em junho, quando foi adotada a atual moeda, no contexto de uma reforma econômica e monetária. Naquela época de inflação elevada os trabalhadores assalariados tinham que usar seus salários imediatamente após os receberem, pois os mecanismos bancários de correção monetária eram artificialmente deflacionados, de modo que qualquer valor guardado em casa, ou mesmo em uma instituição financeira, tinha seu poder de compra reduzido ao longo dos dias do mês. Além de geralmente não restar qualquer resíduo do salário que pudesse ser utilizado em uma aplicação financeira, mesmo se isso acontecesse o cidadão não dispunha de mecanismos eficazes para manter o poder de compra destes recursos excedentes, que iam sendo corroídos dia a dia.

Em uma situação desse tipo o consumo não pode ser protelado ou planejado, pois precisa ocorrer em um curto intervalo de tempo após o recebimento dos proventos, o que realmente a inflação porque a demanda se amplia e podem faltar determinados produtos básicos. Quando isso ocorre, as classes mais pobres sofrem mais intensamente os efeitos negativos porque dependem dos produtos básicos, não podendo comprar produtos alternativos de maior valor agregado, e além de tudo sequer têm acesso aos mecanismos mínimos de proteção contra a inflação, como aplicações financeiras, por exemplo. Por tudo isso, as gerações que enfrentaram essa situação caótica não foram capacitadas a gerenciar recursos em uma economia mais estável, do ponto de vista monetário.

Hoje, porém, os jovens estudantes do Ensino Médio vivem a atual relativa estabilidade, e só têm informações históricas dos tempos de inflação descontrolada, não tendo sido formados para atuar nessa situação (LUCCI et al., 2006). Este grupo pode ser beneficiado por uma formação que os ajude a consumir crítica e conscientemente, investindo o excedente, contribuindo para evitar o surgimento de mais um período de crise.

Exatamente aí a Educação Financeira pode contribuir, e por isso é favorável que seja praticada nas escolas de Ensino Médio (HOFMANN, 2013). Este artigo descreve e analisa, assim, um exemplo de como essa formação pode ser oferecida em uma escola de Ensino Médio Politécnico (EMP) do estado do Rio Grande do Sul (RS), usando uma Unidade de Aprendizagem (UA) que envolveu reflexão sobre os aspectos históricos, sociais, políticos e econômicos do comportamento individual de consumo.

## 2 ENSINO POLITÉCNICO E EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Em face dos muitos problemas que cercam a educação pública no RS, diversos governos estaduais propuseram mudanças em determinados aspectos da dinâmica escolar. Já houve multiplicação de salas de aulas, estabelecimento de ciclos, uso do período de recesso escolar como terceiro período letivo anual, criação de centros de ensino em tempo integral e, mais recentemente, criação do EMP. O EMP foi implantado escalonadamente a partir de 2012, nas turmas do primeiro ano do Ensino Médio das escolas da rede pública, alcançando as turmas dos segundos anos em 2013, e se completando nas turmas dos terceiros anos em 2014.

São profundas as mudanças filosóficas que o EMP pretendeu trazer ao ensino público estadual de nível médio, embora as alterações materializadas no campo curricular não tenham sido radicais. Sob o ponto de vista objetivo houve a criação de um espaço curricular - que não deve ser confundido com uma disciplina - denominado Seminário Integrado (SI), no qual os estudantes são levados a propor e realizar, dentro do conjunto de seus interesses pessoais e conteúdos trabalhados nas diversas disciplinas curriculares tradicionais, uma investigação assistida por um professor designado para esse fim. O SI, portanto, possui um viés tal que tenta introduzir o estudante em um processo investigativo interdisciplinar, supondo que isso seja realizado de tal modo a desencadear no aluno uma integração de conhecimentos disciplinares - daí o nome desse espaço incluir o adjetivo integrador.

A ideia do ensino politécnico não é nova, pois remonta às concepções marxistas e aos trabalhos de Engels (1983). No entanto, ela foi sendo reinterpretada ao longo do tempo, por exemplo, por Pizzi (2002), que vê "a politécnica como uma proposta que não está dirigida ao mercado de trabalho, mas para a formação do homem integral". Ao contrário do que a origem etimológica da palavra politécnica leva a crer, portanto, na atualidade o ensino politécnico é visto como um mecanismo por meio do qual a compreensão intelectual é alcançada a partir do fazer técnico (SEDUC, 2011).

Por meio do EMP a Secretaria de Educação do Estado do RS (SEDUC) planejou caminhar na direção de proporcionar uma formação integral para os estudantes, oportunizando-lhes o desenvolvimento de pesquisas que considerassem, por exemplo, implicações sociais, ecológicas e econômicas envolvendo os conhecimentos escolares tradicionais. Essa oportunidade pode incluir a Educação Financeira, que naturalmente envolve a conscientização do estudante acerca de sua influência social, assim como a reflexão sobre sua própria ação.

Em síntese, supondo a aderência do estudante à proposta do EMP, a Educação Financeira pode contribuir, também, para o desenvolvimento da autoconsciência do estudante, enquanto ser num mundo de relações. Ou seja, a Educação Financeira se alinha à proposição de Freire quando afirma que:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres 'vazios' a quem o mundo 'encha' de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como 'corpos conscientes' e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (FREIRE, 1975, p. 71).

Da forma como foi planejada para ser executada no ambiente do EMP a Educação Financeira leva a reflexão do estudante a ultrapassar os muros escolares, superando as barreiras disciplinares e as simplificações para ocupar-se de problemas reais e contemporâneos. Além disso, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE (2005) propõe que a Educação Financeira tenha reconhecimento aumentado em função da importância que assumiram os mercados financeiros e as alterações populacionais, econômicas e políticas mundiais. Quanto aos aspectos práticos, é importante que o planejamento inclua mecanismos de conscientização acerca dos efeitos das decisões pessoais na economia nacional ou global, porque a Educação Financeira implica o desenvolvimento de atitudes adequadas no planejamento e no uso de recursos financeiros e pessoais (MODERNELL, 2008; REBELLO; HARRES; ROCHA FILHO, 2015).

No entanto, a Educação Financeira não é abordada de modo ostensivo no EMP, na disciplina de Matemática ou em qualquer outra, ou na própria família (D'AQUINO, 2008). Isso ocorre pelo desconhecimento do tema no âmbito familiar, e em parte porque há carência de professores interessados ou dispostos a aprender sobre isso no trabalho cooperativo com os alunos, no SI. Embora não constitua parte distinta no currículo (BRASIL, 2008), a Educação Financeira faz parte da educação integral, pois "A Educação Integral se caracteriza pela ideia de uma formação 'mais completa possível' para o ser humano." (BRASIL, 2009, p. 15). Essa educação é formadora da cidadania, e por isso deve ser incluída interdisciplinarmente em todo e qualquer conteúdo ou disciplina que possa fazê-lo. Esse reconhecimento pode ser identificado no discurso de Savoia, Saito e Petroni (2006, p. 8):

Percebe-se, portanto, que a Educação Financeira é embrionária no Brasil, não havendo uma menção clara, por parte do MEC, de sua inclusão na grade curricular, caracterizando-se, ainda, pela pouca coesão e reduzida atuação marcante dos responsáveis pela sua difusão.

Há evidências de que a sociedade necessita de uma formação cidadã que capacite as crianças e adolescentes para o gerenciamento das próprias finanças, pois as gerações atualmente adultas têm mostrado certo grau de incompetência no gerenciamento financeiro. Por isso:

Escolas e empresas estão apenas começando a perceber que a educação financeira é importante – e

que é necessário começá-la desde cedo. No entanto, ainda pertencemos a uma cultura incipiente demais em finanças. Nosso débito nacional sobe às alturas, bem como nosso débito pessoal. A falência tem se tornado um problema nacional. Débitos com cartão de crédito se alastram. E as nossas crianças não sabem o suficiente sobre dinheiro. (GODFREY, 2007, p. 10-11).

A UA aqui descrita, portanto, se volta para esta questão, e o faz no ambiente do EMP, no contexto do SI, em uma escola da rede pública estadual do RS.

### 3 UNIDADE DE APRENDIZAGEM SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Uma UA ultrapassa uma simples sequência didática, no sentido de que se ocupa de organizar a forma de ensino de certo conteúdo de maneira flexível e não linear, considerando os pré-conhecimentos dos estudantes, assim como seus interesses, que podem ser manifestados em qualquer instante do processo. Ao invés de simplificar os conteúdos, uma UA favorece sua complexificação, aproximando-os dos problemas reais do cotidiano, e o faz por intermédio de metodologias que envolvam a problematização, a pesquisa, a comunicação e a autoria, como as propostas por Demo (2011), Moraes, Galiazzi e Ramos (2004) e Ramos (2008).

No processo descrito neste artigo duas dezenas de estudantes participantes do SI no ano letivo de 2014, na escola investigada, foram convidados a participar de uma UA, a partir de um processo de abordagem dialógica de temas relacionados à história, aos problemas sociais, políticos e econômicos do País. Aderiram ao projeto quinze alunos, submetidos inicialmente a um processo informal de compreensão de suas motivações e interesses sobre Educação Financeira. As informações colhidas nesse processo tiveram a finalidade de subsidiar o planejamento da UA. Resultou que os temas destacados pelos alunos envolveram o mercado de capitais, as características dos diferentes tipos de investimento, os tipos e mecanismos de crédito, os juros e as flutuações nas taxas cambiais.

Logo após o processo de reconhecimento das expectativas do grupo foi assistido o vídeo "Até que a sorte nos separe", de 2012. Este vídeo mostra aspectos e consequências pouco discutidas do consumo em uma sociedade baseada nos valores capitalistas e leis de mercado, que permeiam um enredo ficcional que inclui um ganhador de loteria que não é capaz de manter durante muito tempo a alta quantia recebida, pois se envolve em múltiplos gastos desnecessários e é alvo de golpes financeiros.

Como tarefa individual inicial da UA, foi solicitado aos estudantes que preenchessem uma tabela de dupla entrada com a discriminação de seus gastos pessoais no período de uma semana. Esta foi uma atividade de alto impacto, pois nenhum dos participantes jamais tinha tentado acompanhar seus próprios gastos durante tanto tempo, e nenhum deles possuía ideia clara de qual seria o montante de seu desembolso em um período de tempo tão longo.

De posse das tabelas preenchidas, na semana seguinte à proposição da tarefa os alunos deram entrada nos dados em planilhas eletrônicas, e

construíram gráficos de consumo a partir de uma categorização dos tipos de gastos. Essa categorização foi deixada livre, ao encargo de cada um. Assim, houve alunos que separam gastos em “alimentação”, “lazer”, “higiene”, “educação” e “bens duráveis”, por exemplo, enquanto outros categorizaram seus gastos simplesmente como “necessários” e “desnecessários”, ou “em casa”, “na escola”, “no shopping”, etc. Muitos nunca tinham utilizado uma planilha eletrônica, então esse também foi um momento de aprendizagem e reconhecimento das potencialidades da ferramenta.

Na sequência foi disponibilizado o link para um segundo vídeo, com a instrução que cada um o assistisse em casa, e viesse para o próximo encontro com anotações para discussões baseadas nos fatos apresentados na produção audiovisual assistida. Trata-se de vídeo educativo que está disponível no site Educação Financeira na TV e que discute o tema do consumo dos filhos, segundo seus pais e outras fontes de informação. Nesse vídeo são apresentados dados acerca do consumo, discussões sobre a necessidade do consumo consciente, sobre como as famílias gerenciam suas receitas e despesas e sobre as vantagens e desvantagens da mesada. No encontro seguinte as ideias apresentadas no vídeo foram discutidas pelos participantes, que enfatizaram as diferentes formas de organização presentes nas famílias.

Ficou agendado, então, para o encontro seguinte, uma visita a um supermercado próximo à escola, que foi planejada de tal modo que os estudantes ficassem atentos à organização dos produtos nas prateleiras, e sua possível ligação com a intenção do supermercadista de favorecer a venda de certos produtos. Os alunos perceberam que provavelmente a disposição dessas mercadorias visa a colocar na altura dos olhos dos potenciais consumidores os produtos que oferecem margem de lucro maior para o supermercadista, ou que precisam ser vendidos primeiro porque seus prazos de validade estão se esgotando. Também foi pedido aos estudantes que analisassem as embalagens dos produtos, de modo a avaliar o poder estético de atração que essas embalagens podem ter sobre o consumidor.

Com base nessa visita, já na escola os estudantes foram convidados a discutir a influência da propaganda na demanda por certos produtos de uso popular, de maior valor ou de grande volume de vendas, assim como refletir sobre as observações realizadas no supermercado. Em seguida, foi proposto que os estudantes se associassem em pequenos grupos e apenas pensassem num possível produto a ser por eles produzido, de modo experimental, que tivesse potencial de venda no ambiente escolar. Esse desenvolvimento seria, então, o coroamento do período letivo.

No encontro posterior as ideias iniciais sobre o produto a ser desenvolvido pelos estudantes foram listadas, e algumas condições de contorno do projeto foram estabelecidas, sempre com base em discussões sobre como o mercado deveria funcionar, idealmente. O primeiro ponto foi o de que deveria haver um mapeamento completo do custo financeiro e ambiental de produção, ou seja, o descarte de resíduos do processo produtivo e do pós-consumo deveria ser identificado e contabilizado, tanto quanto os benefícios

da produção, em termos da satisfação e benefício geral do consumidor, e lucro do produtor.

Como preparação dos estudantes para essa tarefa foram apresentados conceitos e termos do âmbito produtivo e comercial, como custo, crédito e juros simples e compostos, e também foi assistido um documentário de 2013 do site Educação Financeira, denominado Dez passos para se dar bem com o dinheiro. No audiovisual são discutidos questões sobre o uso inadequado do dinheiro e do endividamento.

Nos encontros que se seguiram os estudantes planejaram e executaram as tarefas de seus projetos destinadas a produzir algo com potencial de venda interna no ambiente escolar, num processo empreendedor responsável. Foram produzidos bolinhos de farinha integral e aromatização natural, embalados em caixas de papel reciclado, também construídas pelos próprios estudantes, caixas para bijuterias e outras miudezas usando madeira reciclada, bolos e tortas sem adição de açúcar ou conservantes, além de velas adornadas. Da mesma forma, cada grupo planejou uma estratégia de divulgação de seu produto, visando a atingir os potenciais consumidores.

Ao findar o trimestre letivo cada grupo descreveu detalhadamente as etapas do processo de desenvolvimento e realização de seu produto, e construiu uma tabela com dados quantitativos relacionados aos investimentos e lucros. Além disso, foram incluídos nesse documento considerações sobre a geração de resíduos durante a fase de produção e após o consumo, assim como a relação custo/benefício que seu produto teria para os eventuais consumidores, incluindo aspectos relacionados à saúde.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Financeira faz parte da formação integral do cidadão, de modo que não é adequado deixar de abordar esse tema durante a Educação Básica, embora ele não faça parte objetiva dos currículos. Como poucos professores se sentem motivados ou capacitados a se envolverem nessa tarefa educativa, frequentemente a Educação Financeira é ignorada e os estudantes terminam o Ensino Básico sem que a escola tenha contribuído de forma positiva quanto a esse aspecto decisivo da vida cidadã. Resulta que os estudantes assumem apenas os conhecimentos do senso comum sobre o tema, que provavelmente não são suficientes para que cada pessoa desenvolva uma vida saudável, do ponto de vista financeiro.

Um modo de fazer frente a essa carência do Ensino Básico é aplicar uma UA, como a que foi descrita neste artigo, pois dessa forma os estudantes são incentivados a buscarem informações e refletirem sobre o tema no contexto de uma atividade prazerosa, favorecendo a apreensão de nuances do sistema econômico vigente na sociedade, que usualmente seriam ignoradas. A principal vantagem do uso da UA em uma aplicação desse tipo é que o professor não necessita de formação especializada em economia ou finanças para desenvolvê-la, pois são os estudantes que buscam as informações necessárias nas fontes disponíveis, e o fazem com gosto. O professor, assim, pode aprender em cooperação e simultaneamente aos estudantes.



O EMP, por outro lado, favorece o desenvolvimento de propostas alternativas, como a que foi descrita aqui, porque oferece um espaço curricular de integração de conhecimentos sobre o qual cada escola e professor podem atuar segundo as necessidades e interesses do grupo de estudantes. É uma questão de aproveitar o SI para o desenvolvimento não linear desse e de outros temas transversais interdisciplinares relevantes, que por sua vez terminam por auxiliar o ensino regular das demais disciplinas.

O consumo pelo consumo, fortemente influenciado pela propaganda, é ao mesmo tempo um sintoma e um mal, e ambos podem ser combatidos por uma Educação Financeira de caráter reflexivo. Pode-se dizer que o consumismo é um sintoma de que as pessoas não vêm sendo capazes de agir segundo sua vontade livre, mas sim que estão sendo impelidas por forças externas aos seus interesses, capazes de incutir em suas mentes necessidades que não existem no mundo objetivo, gerando desvio de recursos que, além de serem mal utilizados podem se tornar realmente necessários na ocorrência de uma eventualidade.

O consumismo também é um mal em si mesmo, pois conduz invariavelmente a resultados não desejados nos diversos campos de interesse humano. Por exemplo, o consumismo exaure os recursos naturais; força o aumento de preços pelo aumento artificial da demanda, segundo as leis de mercado; desequilibra o meio ambiente, pela produção desnecessária de resíduos; piora a qualidade de vida das pessoas, obrigadas a trabalhar mais para satisfazer as necessidades do consumo desenfreado, numa espiral que não tem fim; gera depressão e outros problemas psicológicos decorrentes das frustrações em sequência, sempre que a pessoa percebe que o que ela alcançou comprar já não é suficiente, ou que ela já não tem de onde tirar recursos para continuar adquirindo as novidades.

Com essa investigação foi possível perceber a ampliação na conscientização dos estudantes sobre aspectos de marketing associados aos produtos, assim como a influência que a propaganda tem sobre o consumo. Os estudantes também passaram a considerar todas as etapas dos processos produtivos, algumas das quais lhes eram transparentes. A partir do estudo os alunos passaram a pensar os produtos em termos de benefícios objetivos ao consumidor, lucro do fabricante, e também a geração de resíduos tanto no processo produtivo quanto no pós consumo, pois isso representa um custo ambiental. Houve uma clara melhoria relativamente à criticidade dos estudantes quanto à necessidade de diferenciar os produtos em termos de sua utilidade, como supérfluos e essenciais.

A Educação Financeira pode ajudar a evitar males do consumo, conscientizando os estudantes quanto às diferenças entre necessidade, luxo e extravagância. E isso não se alcança apenas ensinando algoritmos de cálculo de juros e percentuais, mas sim pela reflexão sobre as características do sistema capitalista, como o marketing e as leis de mercado. E isso pode ser ensinado de forma complexa por meio de uma atividade como a da UA aqui descrita.

## REFERÊNCIAS

**ATÉ que a sorte nos separe.** Direção: Roberto Santucci. Rio de Janeiro, 2012. 90 min.1 DVD.

BRASIL. **Educação Integral:** texto referência para o debate nacional. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, DF, 2009. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cadfinal\\_educ\\_integral.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cadfinal_educ_integral.pdf) >. Acesso em: 17 dez., 2015.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica Brasília.** Brasília: 2013. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/> >. Acesso em: 11 jan., 2015.

D'AQUINO, Cássia; CERBASI, Gustavo. **Educação Financeira: como educar seus filhos.** Elsevier, 2008.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa.** Autores Associados, 2011.

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA TV.** Vídeo: Filhos Consumistas. Episódio 4, 2013. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=pq37YDqmCdl> >. Acesso em: 13 fev., 2015.

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA TV.** Vídeo: Dez passos para se dar bem com o dinheiro. Episódio 40, 2012. Disponível em: < [http://www.youtube.com/results?search\\_query=Educa%C3%A7%C3%A3o+Financeira+Dez+passos+para+se+dar+bem+com+o+dinheiro&sm=12](http://www.youtube.com/results?search_query=Educa%C3%A7%C3%A3o+Financeira+Dez+passos+para+se+dar+bem+com+o+dinheiro&sm=12) >. Acesso em: 13 fev., 2015.

FIPE. **Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas.** Disponível em: <<http://www.fipe.org.br/pt-br/indices>>. Acesso em: out. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Ed. Afrontamento, Porto, 1975.

GODFREY, Neale S. **Dinheiro não dá em árvore:** um guia para os pais criarem filhos financeiramente responsáveis. Tradução de Elizabeth Arantes Bueno. São Paulo: Jardim dos Livros, 2007.

HOFMANN R. M. Educação Financeira no currículo escolar: uma análise comparativa das iniciativas da Inglaterra e da França. Tese de Doutorado. **Curso de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná.** Curitiba, 2013.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home> >. Acesso em: 17 maio, 2015.

LUCCI, Cintia Retz et al. A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. **Seminário em Administração**, v. 9, 2006.

MARX, K. & ENGELS, F. **Textos sobre Educação e Ensino.** São Paulo: Moraes, 1983.

MODERNELL, Álvaro. Semeando educação financeira. In: **Seminário Coremec:** a educação financeira na escola. 2008. Disponível em: <[https://www2.mp.pa.gov.br/sistemas/gcsbsites/upload/39/05\\_Semeando\\_Educacao\\_Financeira.pdf](https://www2.mp.pa.gov.br/sistemas/gcsbsites/upload/39/05_Semeando_Educacao_Financeira.pdf)>. Acesso em: 15 out., 2015.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo; RAMOS, Maurivan Güntzel. **Pesquisa em sala de aula**: fundamentos e pressupostos. In: MORAES, Roque; LIMA, Valdevez Marina do Rosário (Orgs.). *Pesquisa em Sala de Aula: tendências para a Educação em Novos Tempos*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 9-24.

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Improving Financial Literacy**: Analysis of issues and policies. Paris, 2005. 181 p.

PIZZI, Laura Cristina. A Politecnicia no Brasil: História e trajetória política. **Educação e Filosofia**, v. 16, n. 32, p. 117-147, 2002.

RAMOS, Maurivan Güntzel. **A importância da problematização no conhecer e no saber em Ciências**. In: GALIAZZI, Maria do Carmo et al. *Aprender em rede na educação em ciências*. Ijuí: Editora Unijuí, 2008. p. 77-90.

REBELLO, Ana Paula; HARRES, João Batista Siqueira; ROCHA FILHO, João Bernardes da. *Educação Financeira: uma proposta pedagógica para alunos do ensino médio politécnico*. Instituto Federal do Rio Grande do Norte. **HOLOS**, Natal, RN, v. 6, p. 308-314, 2015.

RIO GRANDE DO SUL. **Secretaria Da Educação Do Estado Do Rio Grande Do Sul**. Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio 2011-2014, 2011. Disponível em: <[http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens\\_med\\_proposta.pdf](http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf)>. Acesso 10 out., 2014.

SAITO, André Taue; SAVOIA, Jose Roberto Ferreira; PETRONI, Liége Mariel. A educação financeira no Brasil sob a ótica da Organização de Cooperação e Desenvolvimento econômico-OCDE. IX SEMEAD. Administração no Contexto Internacional. **Seminários em Administração FEA-USP**, 2006. Disponível em: <[http://www.ead.fea.usp.br/semead/9semead/resultado\\_semead/trabalhosPDF/45.pdf](http://www.ead.fea.usp.br/semead/9semead/resultado_semead/trabalhosPDF/45.pdf)>. Acesso em: 10 maio, 2015.